

# ALCANCES, LIMITES E CONTRADIÇÕES NOS TERMOS DE TROCA ENTRE AS ECONOMIAS DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO E SEUS PARCEIROS COMERCIAIS: O CASO DO BLOCO ECONÔMICO DE CHINA, HONG KONG E MACAU<sup>1</sup>

Murilo José de Souza Pires

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas Ambientais (Dirur) do Ipea. *E-mail*: murilo.pires@ipea.gov.br.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2913-port>

As transformações produtivas que aconteceram na região Centro-Oeste, em especial no período posterior aos anos 1990, têm integrado este espaço regional, cada vez mais, com os mercados internacionais — em particular com a República Popular da China, a qual ganhou expressão no mercado internacional depois de sua adesão à Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001.<sup>2</sup>

Desse modo, a região Centro-Oeste vem se especializando na produção de mercadorias que reforçam suas vantagens comparativas ricardianas, primordialmente em itens relacionados com *commodities* agrícolas e minerais. Esta situação ganhou expressão no contexto regional, pois vem

impulsionando, mais e mais, o uso crescente de inovações tecnológicas, tanto na agropecuária como nos setores industriais e de serviços.

Esse aspecto tem um papel importante, pois dos anos 1990 para cá houve uma mudança no padrão de difusão tecnológico que se objetivou neste espaço regional. Ou seja, dos anos 1960 aos 1990, houve a penetração de inovações tecnológicas que se cristalizaram através do uso crescente de inovações mecânicas, físico-químicas e biológicas provenientes da Revolução Verde, a qual demandou um papel mais ativo do Estado tanto para o financiamento como para a geração e difusão de seus pacotes tecnológicos.

1. As opiniões expressas neste Texto para Discussão (TD) são de inteira responsabilidade dos autores, não representando, necessariamente, a posição do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Registramos nossos agradecimentos pelos comentários, críticas e sugestões aos professores doutor Daniel Pereira Sampaio — do Departamento de Economia e Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) — e a Guilherme Carneiro Leão de Albuquerque Lopes — do Departamento de Economia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), no *Campus* do Sertão, unidade de Santana do Ipanema-AL, e doutorando em desenvolvimento econômico pelo Centro de Estudos do Desenvolvimento Econômico da Universidade Estadual de Campinas (Cede/Unicamp) —, os quais não têm qualquer responsabilidade quanto a erros ou omissões aqui cometidos.

2. Para Borghi (2020, p. 28, tradução nossa), “a ascensão econômica global da China tem levado ao repensar das relações internacionais entre economias desenvolvidas e em desenvolvimento. Conhecida como a nova oficina do mundo, a China vem reorganizando o comércio, a produção e os investimentos globais, sem falar nas questões geopolíticas. A China foi responsável por cerca de um quarto da produção mundial de manufatura em 2016, 12,8% do total mundial de exportações de mercadorias e 10,8% do total mundial de importações de mercadorias em 2018, ficando em primeiro e segundo lugar, respectivamente, em termos de fluxos de comércio internacional. No original: “China’s global economic rise has been leading to the rethinking of international relations between developed and developing economies. Known as the new workshop of the world, China has been rearranging global trade, production and investments, not to mention geopolitical issues. China accounted for roughly a quarter of world manufacturing output in 2016 and 12.8% of world total merchandise exports and 10.8% of world total merchandise imports in 2018, ranking first and second, respectively, in terms of international trade flows”.

Grandes avanços aconteceram na estrutura produtiva centro-oestina, em especial com o avanço dos excedentes agropecuários, que tiveram um papel central na atração das grandes *trading companies* para essas regiões. Adicionado aos programas de incentivo e benefícios fiscais implementados nas economias centro-oestinas, observou-se um florescimento e crescimento industrial, particularmente relacionado com os elos das cadeias produtivas agroindustriais nacionais e internacionais.

Com o processo de integração do Centro-Oeste aos eixos de desenvolvimento internacional nos anos 1990, dentro do cenário de crise fiscal e financeira do Estado brasileiro e da renegociação da dívida externa conforme o Plano Brady, observa-se um esforço crescente de ofertar os produtos centro-oestinos para as economias internacionais. Isso significou que a região Centro-Oeste teve um papel delineado e ativo no comércio internacional, cujo objetivo foi carrear moedas fortes para equalizar os problemas estruturais do balanço de pagamentos brasileiro.

Não é por outro motivo que o estilo de desenvolvimento<sup>3</sup> do Centro-Oeste se deslocou para o eixo externo, tendo como principal instrumento de avanço do progresso técnico as inovações tecnológicas provenientes da agricultura científica globalizada, que têm no mercado internacional e no capital financeiro (seus fundos de investimentos) seus principais instrumentos para garantir a reprodução ampliada do capital no território nacional e, em especial, na região Centro-Oeste.

Desse modo, cada vez mais o espaço regional do Centro-Oeste é capturado pelos interesses do capital financeiro e desloca parte significativa de seu excedente para atender às demandas de outros países, em especial à

chinesa. Em contrapartida, observa-se também o crescimento da importação, mormente relacionado com produtos manufaturados.

É neste contexto que se destaca o objetivo desta investigação, a saber, verificar em que medida os fluxos mercantis entre a região Centro-Oeste e seus parceiros comerciais, dando ênfase para o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau,<sup>4</sup> modificaram a estrutura dos termos de troca entre estas economias no interregno de 1998 a 2021.

Em síntese, observou-se que as exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste foram impulsionadas de forma favorável pelo crescimento da economia chinesa, como também pelos preços crescentes das *commodities* agrícolas e minerais. Sendo assim, o processo de geração de renda para os agentes econômicos centro-oestinos foi favorável, impulsionando, por conseguinte, o incentivo para o incremento das importações agregadas.

Apesar disso, a razão entre os valores das exportações da região Centro-Oeste para o resto do mundo *vis-à-vis* as importações agregadas, entre 1998 e 2021, não apresentou, de forma aparente, sinais de deterioração dos termos de troca. Mas é importante ressaltar que, desde 2009, há um ciclo ascendente dos preços das *commodities* agropecuárias e metais que possivelmente está influenciando, de forma positiva, para que não haja esta deterioração dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e os demais parceiros comerciais.

Por sua vez, quando se observa a razão entre os valores exportados de produtos básicos *vis-à-vis* as importações de produtos manufaturados entre a região Centro-Oeste e o resto do mundo, no período de 1998 a 2021, constata-se o mesmo fenômeno aparente destacado para as exportações e

3. O conceito de estilo de desenvolvimento encontra-se em Pinto (2000).

4. O uso do termo bloco econômico de China, Hong Kong e Macau se justifica porque faz parte da diplomacia chinesa da Política de uma China Única, ou seja, a de que há somente uma China, mesmo com dois sistemas políticos diferentes.

importações agregadas. Dessa forma, uma análise mais apressada poderia indicar que a hipótese de Prebisch-Singer estaria refutada para o caso específico da região Centro-Oeste e seus parceiros comerciais no dado período histórico.

Não obstante, é importante destacar que, ao se verificar a estrutura dos termos de troca entre os países envolvidos, observa-se alta concentração de produtos básicos na pauta exportadora da região Centro-Oeste, como também alta concentração de produtos manufaturados na pauta importadora. Como são produtos que apresentam naturezas de industrialização distintas, pode-se levantar o imperativo hipotético de que isso esteja acontecendo por influência dos ciclos de preços favoráveis das *commodities* agropecuárias e minerais.

Sendo assim, optou-se por aprofundar um pouco mais a análise e verificar qual era o comportamento dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e seu principal parceiro comercial, o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau. Para tanto, é importante evidenciar que a natureza do estilo de desenvolvimento chinês é distinta daquela verificada para a região Centro-Oeste. Mesmo que ambos tenham projetado os impulsos do seu crescimento econômico para os mercados internacionais, ainda assim a economia chinesa implementou uma política industrial ativa, que teve como base uma revolução em sua estrutura industrial por meio do uso crescente de ciência, inovação e tecnologia (CI&T).

Desse modo, a estratégia chinesa foi impulsionar, de forma crescente, o incremento do seu papel na divisão internacional do trabalho, com produtos de maior valor agregado, ou seja, produtos manufaturados, em especial aqueles relacionados, no primeiro momento, com a Terceira Revolução Industrial e, mais recentemente, com a Quarta Revolução Industrial.

Isso posto, a estratégia chinesa de expansão para as economias da América Latina, África e Ásia se intensificou, em especial por meio da

exportação de produtos manufaturados. É nesse contexto que as transações mercantis entre a região Centro-Oeste e a economia chinesa vão se desenrolar no período 1998-2021.

Dessa maneira, a razão entre as exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste *vis-à-vis* às importações de produtos manufaturados do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, entre 1998 e 2021, vem apresentando uma taxa média de crescimento de -1,8% ao ano (a.a.). Além disso, a razão entre as exportações básicas e as importações manufaturadas entre essas regiões declinou de quase vinte vezes em 2000 para pouco mais de 6,5 vezes em 2021.

Tudo isso é um sinal claro de que, mesmo com um ciclo ascendente de preços de *commodities* agropecuárias e metais, há uma deterioração nos termos de troca entre a região Centro-Oeste e o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau que, no longo prazo, pode trazer fortes restrições para o crescimento econômico do Centro-Oeste.

Esse fato pode se agravar ainda mais se a estratégia desenvolvida pela China, por meio do eixo Cinturão e Rota, modernizar as estruturas produtivas africanas e o seu sistema de transportes, uma vez que a produção de *commodities* agropecuárias das economias africanas pode se tornar mais competitiva na economia chinesa, quiçá mundial, aumentando, por conseguinte, a concorrência com os produtos brasileiros e, em especial, com os produtos centro-oestinos.

Por fim, um possível caminho para as economias centro-oestinas melhorarem seu posicionamento no mercado internacional é formular uma política industrial mais ativa, em especial estimulando o desenvolvimento de CI&T autônomas. Desse modo, as economias centro-oestinas podem iniciar um processo de industrialização cujo resultado será agregar mais valor aos seus recursos naturais, como também estimular a internalização de setores que apresentam um papel central em sua cadeia horizontal e vertical

# SUMEX

de valores, mas que estão externos à economia do Centro-Oeste.

## REFERÊNCIAS

BORGHI, R. A. Z. China's trade specialization pattern with Latin American and African economies: revisiting the core-periphery dichotomy. **Revista Tempo do Mundo**, v. 24, p. 27-52, dez. 2020.

PINTO, A. Notas sobre os estilos de desenvolvimento na América Latina. *In*: BIELSCHOWSKY, R. (Ed.). **Cinquenta anos de pensamento da CEPAL**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000. v. 2, p. 609-650.